

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A AQUISIÇÃO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE A VIVÊNCIA NO PIBID

Larissa Rafaela Bezerra dos Santos ¹

Luana Kelly Camilo da Silva ²

Vitoria de Oliveira Barros ³

Vitória Rafaelly Martins dos Santos ⁴

Maria Gelva Santos de Lima ⁵

Samara Cavalcanti da Silva ⁶

RESUMO

A contação de histórias desempenha um papel fundamental no processo de aquisição da linguagem oral e escrita na Educação Infantil (EI), pois estimula a oralidade, o vocabulário e desperta o interesse pela leitura e escrita. Nesse sentido, a pesquisa buscou responder a seguinte problemática: como a contação de história contribui no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita na EI? Assim, objetivamos analisar como a contação de história contribui no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita na EI. Para fundamentação, utilizamos alguns autores como: Vygotsky (1991), Abramovich (1997), Franco (2008), entre outros. Nesse contexto, a contação de histórias permite que o docente atue como mediador, facilitando a compreensão textual e apropriação da linguagem oral e escrita. Além disso, a oralidade é um elemento central para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, pois a interação com histórias favorece a socialização, estimula a criatividade e fortalece o vínculo entre as crianças e a literatura. A pesquisa foi de abordagem qualitativa, a partir da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) e de nove observações realizadas em duas turmas da EI, entre os meses de fevereiro e março de 2025, no Centro de Educação Infantil (CEI), vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *campus* III, localizado em Palmeira dos Índios – AL. Os resultados da pesquisa apontam as principais estratégias utilizadas pelo docente, a relação entre oralidade e a contação de histórias e os desafios enfrentados na implementação dessa prática pedagógica. As evidências coletadas apontam para a importância da contação de histórias como uma estratégia lúdica e significativa, utilizando diferentes recursos, como dramatizações e livros ilustrados,

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia e bolsista do (PIBID) da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, Rafaela.santos.2022@alunos.uneal.edu.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia e bolsista do (PIBID) da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, kelly.silva.2023@alunos.uneal.edu.br

³ Graduanda do Curso de Pedagogia e bolsista do (PIBID) da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, vitoria.barros.2023@alunos.uneal.edu.br

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia e bolsista do (PIBID) da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, vitoria.santos.2021@alunos.uneal.edu.br

⁵ Graduada do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE; Pós graduação em Atendimento Educacional Especializado pela faculdade única de Ipatinga, FUNIP, gelva.lima@hotmail.com

⁶ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, samara.melo@uneal.edu.br



para potencializar o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Oralidade, contação de histórias, Educação Infantil, mediação pedagógica, linguagem.

INTRODUÇÃO

O presente artigo surgiu a partir da experiência vivenciada na graduação em Pedagogia, por meio da participação como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Durante as observações realizadas em um Centro de Educação Infantil (CEI) vinculado ao programa, na cidade de Palmeira dos Índios, emergiram diversas inquietações. Embora já tivéssemos tido contato com a realidade escolar, compreendemos que cada instituição possui suas especificidades, o que nos levou a refletir sobre as diferenças existentes entre os contextos educativos.

A Educação Infantil (EI) representa a etapa inicial da Educação Básica (EB) e é reconhecida como essencial para o desenvolvimento integral das crianças. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/1996, esse desenvolvimento abrange dimensões cognitivas, linguísticas, sociais, emocionais e motoras.

No processo, a linguagem ocupa lugar central, pois é por meio dela que a criança se comunica, expressa seus pensamentos, interage socialmente e constrói conhecimentos. Dessa forma, práticas que favoreçam o desenvolvimento da oralidade e a inserção no universo da leitura e da escrita tornam-se indispensáveis no cotidiano pedagógico.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como a contação de história contribui no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita na EI, seguindo os seguintes, objetivos específicos: I) Investigar as estratégias utilizadas pelos docentes durante a contação de histórias na Educação Infantil; II) Compreender a relação entre oralidade, leitura e escrita mediada pela contação de histórias; e III) Identificar os desafios enfrentados na implementação da contação de histórias como prática pedagógica. Também segue como problemática: como a contação de história contribui no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita na EI?

Por último, este artigo organiza-se em partes que se complementam. A primeira aborda a contação de histórias como prática pedagógica na Educação Infantil; a segunda



apresenta o papel do professor como mediador no processo de formação leitora; em seguida, analisam-se as contribuições da contação de histórias para a aquisição da leitura e da escrita; e, por fim, apresentam-se os resultados e as considerações finais, que destacam as aprendizagens construídas e as implicações pedagógicas da pesquisa.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar como a prática da contação de histórias influencia o processo de aprendizagem da linguagem oral e escrita na etapa da Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que, de acordo com Minayo (2001, p. 21),

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, moti-vos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada em um Centro de Educação Infantil (CEI) vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *campus* III, localizado em Palmeira dos Índios - Alagoas.

Para a realização da coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos principais: a observação direta das atividades de contação de histórias e a análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição. Sobre a observação, Marconi e Lakatos (2017, p. 224) definem que “É um elemento básico da investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia”.

As observações ocorreram em março e abril de 2025, em nove encontros e em duas salas diferentes da socialização III, permitindo observar as estratégias docentes e a interação entre oralidade e escrita. Durante as observações, foram registrados comportamentos, respostas das crianças e recursos utilizados pelas professoras, como dramatizações, livros ilustrados e reconto coletivo.



DESENVOLVIMENTO

A Contação de Histórias como prática Pedagógica na Educação Infantil

A contação de histórias constitui-se como uma prática pedagógica que acompanha a humanidade desde tempos remotos, estando presente em diferentes culturas como forma de transmitir saberes, valores e experiências, conforme destaca Cunha (2012).

Nesse sentido, torna-se importante distinguir a leitura da contação de histórias. Como ressalta Vieira (2022), a leitura busca apresentar o texto conforme escrito pelo autor, enquanto a contação valoriza a oralidade e a expressividade, incorporando elementos de improviso, gestualidade e memorização. Assim, ao ouvir histórias, as crianças participam de um processo cultural e educativo que vai além da transmissão de conteúdos, constituindo-se em uma experiência estética que mobiliza sentidos, emoções e imaginação.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) reconhece a relevância dessas práticas no campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, orientando que os professores garantam situações em que as crianças possam ouvir e narrar, fortalecendo sua inserção na cultura oral. Desse modo, a contação de histórias, quando incorporada de forma intencional ao cotidiano da Educação Infantil, não se limita ao entretenimento, mas contribui para a formação leitora e escritora desde os primeiros anos de vida.

A Educação Infantil, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Essa etapa representa não apenas um direito assegurado à criança, mas também uma obrigação do Estado e das instituições de ensino em garantir ambientes que promovam experiências educativas significativas e coerentes com as necessidades e potencialidades da infância.

Ela, a Educação Infantil, deve ser compreendida como um espaço privilegiado de convivência, descobertas e aprendizagens, em que as interações e as brincadeiras constituem o eixo central do processo educativo. Nesse sentido, as Diretrizes



Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) orientam que as práticas pedagógicas devem respeitar os tempos, ritmos e formas próprias de expressão das crianças, assegurando oportunidades para que elas experimentem, criem e se comuniquem de diferentes maneiras. O brincar, o imaginar e o contar histórias são, portanto, instrumentos essenciais para o desenvolvimento da linguagem, da socialização e da construção de sentidos sobre o mundo.

Além disso, a Educação Infantil se configura como um espaço de formação cidadã e cultural, no qual as crianças são reconhecidas como sujeitos de direitos, capazes de participar ativamente das experiências que vivenciam. Ao proporcionar práticas que valorizem a escuta, a expressão e o diálogo, o professor atua como mediador das aprendizagens, favorecendo a ampliação da autonomia e do repertório linguístico dos pequenos. Assim, o trabalho pedagógico nessa etapa vai muito além do cuidado: ele visa garantir o direito de aprender, conviver e se expressar, promovendo uma educação que reconhece e celebra a infância como fase fundamental do desenvolvimento humano.

O Papel do Professor como mediador e a formação de leitores

O professor, nesse processo, assume o papel de mediador, responsável por criar condições para que a criança interaja com a narrativa, construa sentidos e avance em suas aprendizagens. Sob a perspectiva sociocultural de Vygotsky (1991), compreende-se que o desenvolvimento da linguagem ocorre nas interações sociais, por meio das quais a criança internaliza conhecimentos e atribui significados ao mundo que a cerca. Para o autor, a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um meio fundamental de pensamento e de construção da consciência. Assim, a contação de histórias configura-se como um momento privilegiado de mediação pedagógica, em que o professor, ao narrar, dramatizar ou ler histórias, possibilita que a criança participe ativamente, elabore hipóteses e desenvolva suas capacidades expressivas.

Vieira (2022) enfatiza que a escola da infância deve se configurar como uma “comunidade narrativa”, em que crianças e adultos compartilham histórias em um espaço de diálogo e criação coletiva. Nessa perspectiva, a contação deixa de ser um ato unilateral para tornar-se um processo interativo, em que as crianças também assumem protagonismo, criando, recontando e reinventando histórias a partir de suas



experiências. Duarte e Canda (2022) reforçam essa dimensão performática da contação, entendendo-a como uma “coreografia do pensamento” que envolve corpo, voz, memória e sentidos.

Essa mediação demanda, contudo, que o professor se prepare para a prática da contação. Santos, Arapiraca e Carvalho (2022) destacam que o contador de histórias se constitui a partir de suas memórias afetivas e da repetição da prática, sendo necessário vivenciar a narrativa para transmiti-la com autenticidade. Desse modo, a formação do professor como contador é essencial para que a contação se configure como recurso pedagógico eficaz, capaz de envolver e impactar a aprendizagem das crianças.

Contribuições da Contação de Histórias para a aquisição da leitura e da escrita

As experiências narrativas vividas pelas crianças na Educação Infantil são fundamentais para sua aproximação com o universo da leitura e da escrita. Nesse sentido,

Os resultados de vários estudos [...] sugerem que a experiência de ouvir histórias desempenha um papel importante no desenvolvimento da linguagem. [...] A leitura de histórias é, com efeito, uma ocasião potencialmente rica para o desenvolvimento do vocabulário, em virtude do fato de as histórias conterem pistas contextuais que ajudam a decifrar o sentido de palavras desconhecidas (Fontes *et al.*, 2004, p. 83).

Além dos ganhos linguísticos, a escuta de histórias também envolve dimensões afetivas e simbólicas. Conforme destaca Abramovich (1997), ouvir histórias desperta na criança o desejo de ler, uma vez que cria vínculos afetivos com os textos literários e alimenta a imaginação. A autora reforça essa ideia ao afirmar que “[...] o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)” (Abramovich, 1997, p. 23). Assim, a contação de histórias se configura como uma prática pedagógica rica e multifacetada, capaz de articular linguagem, afeto, criatividade e o próprio desejo de ler e escrever.

Para Chagas *et al.* (2024), a contação de histórias possibilita à criança a criação de um mundo imaginário mediado pela afetividade. Nesse espaço simbólico, ela é capaz de experimentar as emoções dos personagens, como medo, compaixão, insegurança,



coragem, alegria e superação, incorporando esses sentimentos à sua própria subjetividade. Esse processo estabelece uma ponte entre fantasia e realidade, permitindo que a criança assimile suas vivências e projete novas experiências.

Nessa perspectiva, Abramovich (1997, p. 14) afirma que “[...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. A autora destaca ainda os múltiplos benefícios de ouvir histórias, descrevendo essa prática como um momento de prazer, encantamento e maravilhamento:

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa) (Abramovich, 1997, p. 24).

Araújo (2009) observa que práticas como a dramatização e o reconto coletivo favorecem não apenas a escuta atenta das crianças, mas também sua participação ativa, evidenciada quando recontam trechos, criam novas versões e expressam oralmente suas interpretações. Além disso, Araújo (2009) alerta que a expressão oral, seja em situações de argumentação ou na explanação de conteúdos escolares, frequentemente gera tensão, medo e insegurança nos alunos, sentimentos que podem persistir ao longo da trajetória acadêmica e profissional.

Segundo Araújo (2009), tais dificuldades poderiam ser atenuadas se, desde os primeiros anos escolares, as crianças tivessem acesso regular e significativo a experiências com a oralidade. Por fim, Araújo (2009) enfatiza que não basta apenas contar ou ler histórias, o que verdadeiramente potencializa a aprendizagem são os diálogos que se estabelecem entre professores e alunos após a narrativa, momento em que se ampliam reflexões, trocas e sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades de contação de histórias observadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) constituem o ponto de partida desta análise. As observações foram realizadas em duas turmas de um Centro de



Educação Infantil do município de Palmeira dos Índios, com crianças de até 3 anos e 11 meses, pertencentes à turma Socialização III. Ao todo, foram realizadas nove observações, em dois dias da semana, segundas e quartas-feiras, envolvendo 27 crianças. Em média, havia entre 16 e 20 crianças presentes por dia. A turma Socialização III “C” era acompanhada por uma docente regente e duas auxiliares de sala, que atuavam de forma colaborativa. Já a turma Socialização III “D” contava com uma docente regente e três auxiliares, sendo uma delas responsável pelo atendimento às crianças com deficiência.

O espaço das duas turmas consiste em salas pequenas, sem ar-condicionado. Quando ocorre a contação de histórias, é necessário reorganizar as mesas e cadeiras para acomodar as crianças. As salas possuem janelas e dois ventiladores, que permitem a circulação de ar, e contam com uma árvore confeccionada com materiais pedagógicos, identificada com a frase “*Cantinho da Leitura*”.

Durante as observações, foi possível identificar diferentes estratégias utilizadas pela professora no trabalho com a contação de histórias. As atividades incluíam livros infantis ilustrados, imagens, palitoches e variação na entonação da voz, recursos que tornavam o momento mais lúdico e atrativo. Em seguida, eram propostas atividades de reconto, nas quais as crianças recontavam as histórias com suas próprias palavras, favorecendo a expressão oral, a construção de sentidos e o protagonismo infantil. A Figura 1 ilustra um desses momentos de contação de histórias.

Figura 1 - Momento que a professora estava realizando a contação da história “A chapeuzinho



vermelho”.

Fonte: Arquivo pessoal do grupo (2025).



A imagem mostra um momento de reconto da história “Chapeuzinho Vermelho” em uma sala de Educação Infantil. As crianças estão sentadas em roda, atentas à cena que acontece à frente. Uma aluna, caracterizada com a capinha vermelha, representa a personagem principal, enquanto uma educadora a acompanha, segurando uma cesta com lanches, símbolo marcante do conto. Esse momento reflete a importância do reconto e da contação de histórias como estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da oralidade, imaginação e interpretação, além de fortalecer o vínculo entre educador e alunos por meio da ludicidade e da expressão infantil.

Durante cinco das nove observações realizadas, constatou-se que a prática docente não se restringia à contação de histórias, mas abrangia explicações contextualizadas sobre temas do cotidiano, como o Dia da Água e o combate ao mosquito da dengue. Nessas situações, a professora articula a narrativa com atividades práticas, como cobrir com tinta guache as vogais da palavra dengue, pintar a vogal A de água e cobrir o nome das crianças. Essas estratégias evidenciam a intencionalidade pedagógica de aproximar a linguagem oral e escrita da realidade infantil, favorecendo o desenvolvimento da oralidade e da consciência fonológica. Tal abordagem está alinhada à BNCC (Brasil, 2017), que propõe experiências na Educação Infantil integrando linguagem, brincadeiras e vivências significativas.

Ao longo das observações, constatamos que, nas atividades de contação de histórias, as crianças interagiam de forma significativa com a professora, especialmente quando eram utilizados recursos visuais. A BNCC (Brasil, 2017), no campo de experiência Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação, destaca a importância de proporcionar vivências em que as crianças falem, ouçam e interajam com diferentes linguagens, favorecendo sua inserção na cultura oral e o contato com textos. Nessa esteira, o uso da literatura infantil contribui para o desenvolvimento da imaginação, do gosto pela leitura e da compreensão da escrita como representação da língua.

No diário de campo (2025, p. 5), observa-se que os recursos visuais potencializam a atenção e o envolvimento das crianças, conforme registrado:

A professora realizou a contação da história “Zezinho e a Dengue”, que contou sobre prevenir a dengue, a história foi contada com as crianças formando um círculo sentadas no chão e a professora em pé, ela utilizou alguns objetos visuais, como: garrafas pet, potes e um guarda-chuva bem enfeitado que chamou e despertou a atenção da criança.



A observação dessa prática evidencia que o uso de recursos visuais, como garrafas PET, um guarda-chuva decorado ou histórias contadas com palitoques, potencializa a atenção e o envolvimento das crianças, confirmando a relevância das estratégias lúdicas no processo de aprendizagem. A Figura 2 ilustra um desses momentos de contação de histórias.

Figura 2 - Momento que a professora estava realizando a contação da história “Zezinho e a Dengue”.



Fonte: Arquivo pessoal do grupo (2025).

Em outro momento, acompanhamos a contação da história “O Bebê da Cabeça aos Pés”. No Diário de Campo (2025, p. 4), o momento foi descrito como:

A história conseguiu despertar o envolvimento das crianças. À medida que a história avançava, elas participavam ativamente, apontando e movimentando partes do corpo como orelhas, pernas, braços e ouvidos, de acordo com que a professora estimulava. A cada gesto, era possível perceber o entusiasmo e a curiosidade em relacionar a história com o próprio corpo.

Essa vivência, além de ampliar o vocabulário, favoreceu a consciência corporal e mostrou como a contação de histórias pode unir linguagem, movimento e ludicidade, favorecendo a percepção das diferentes partes do corpo humano, transformando a aprendizagem em uma experiência prazerosa e significativa.

Considerando o nosso problema de pesquisa, que busca compreender como a contação de histórias contribui no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita na (EI), a experiência evidencia que a prática lúdica e contação de história favorece o desenvolvimento inicial da leitura e da escrita, pois integra elementos como: oralidade, movimento e imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das observações realizadas em duas turmas da Educação Infantil no



âmbito do PIBID, entre fevereiro e abril de 2025, ficou evidente que a contação de histórias é uma prática pedagógica essencial, capaz de unir diversão, imaginação e aprendizagem de forma profunda e significativa. Longe de ser apenas um momento de lazer, essa atividade revelou-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral da criança, favorecendo a ampliação do vocabulário, o fortalecimento da expressão oral e a construção de hipóteses sobre a linguagem escrita.

As crianças demonstraram grande envolvimento sempre que as narrativas foram acompanhadas de recursos lúdicos e sensoriais, como livros ilustrados, objetos do cotidiano, dramatizações e gestos expressivos, participando ativamente por meio de recontos, movimentos corporais, questionamentos e criações próprias. Esses momentos não apenas estimularam a curiosidade e a criatividade, mas também promoveram a socialização, a consciência corporal e a aproximação com a cultura escrita, especialmente quando a contação foi articulada a atividades práticas e contextualizadas.

O papel do professor como mediador mostrou-se central, sua sensibilidade, entonação de voz, planejamento e capacidade de escuta transformaram a narrativa em uma experiência coletiva, afetiva e cognitiva, na qual as crianças puderam se expressar, imaginar e construir sentidos de forma autônoma. Apesar dos avanços observados, a pesquisa também apontou desafios que vão além da sala de aula, como a limitação de recursos materiais, o espaço físico reduzido e a necessidade de formação continuada dos educadores.

Tais dificuldades não refletem falta de compromisso docente, mas sim a ausência de condições estruturais e de apoio institucional adequados à complexidade do trabalho na Educação Infantil. A formação continuada, nesse sentido, deve ser vista como uma oportunidade de aprofundar e enriquecer práticas já existentes, oferecendo aos professores novas ferramentas, repertórios e espaços de troca.

Portanto, a contação de histórias, quando realizada com intencionalidade pedagógica, sensibilidade e criatividade, é uma estratégia poderosa para o desenvolvimento linguístico, emocional e social das crianças pequenas. Sua efetivação no cotidiano escolar depende não apenas do esforço individual do professor, mas do reconhecimento coletivo do valor da infância e do compromisso com a garantia de condições dignas para o ensino e a aprendizagem.

Dado o exposto, esperamos que este estudo contribua para reforçar, entre



educadores e gestores, a compreensão de que contar histórias é, antes de tudo, um ato de cuidado, escuta e respeito, e que, por meio dele, é possível semear nas crianças o gosto pela leitura, a confiança na própria voz e a capacidade de sonhar e transformar o mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na educação infantil**: quem conta um conto aumenta um ponto. 2009. 202 p Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3847/1/arquivo259_1.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 out. 2025.

CHAGAS, Mayara Resende das *et al.* A contação de histórias na educação infantil e o desenvolvimento da criança. **Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE**, v. 10, n. 5, p. 6269-6277, 2024.

CUNHA, Murilo Bastos da. História da Biblioteconomia na Universidade de Brasília. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1–7, 2012. DOI: 10.26512/rici.v3.n2.2010.1517. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1517>. Acesso em: 30 out. 2025.

FONTES, Maria José de Oliveira *et al.* Efeitos da Leitura de Histórias no Desenvolvimento da Linguagem de Crianças de Nível Sócio-econômico Baixo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 1, p. 83-94, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/ScVyKk33rbqLkNJK6wtWbSk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2025.



VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. **Contação de histórias para, com e por crianças na escola da infância.** Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 31, n. 68, p. 103-116, out./dez. 2022. DOI: <https://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n68.p103-116>. Acesso em: 30 out. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991

